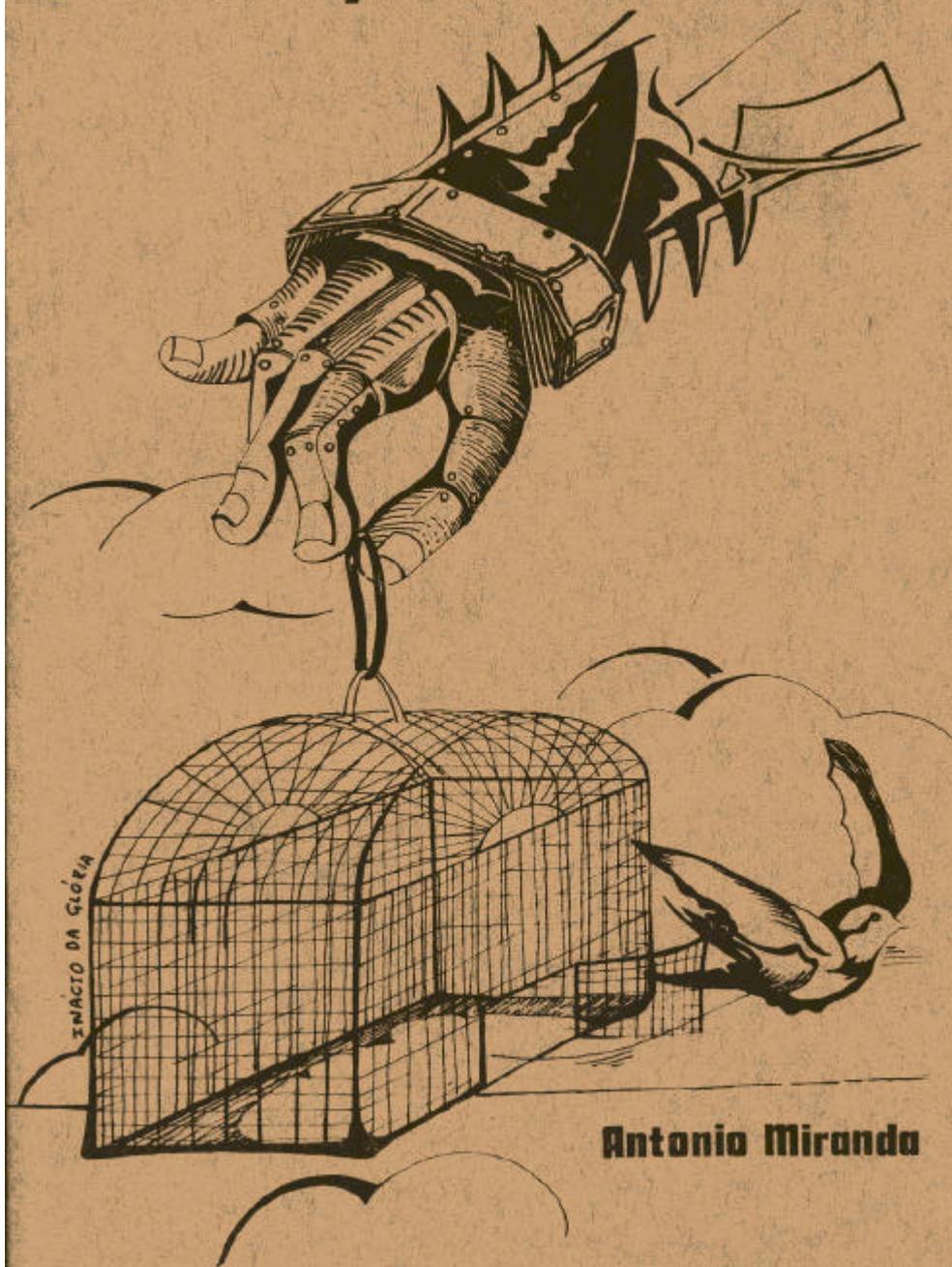


# DE CRENÇAS E VIVÊNCIAS



**Antonio Miranda**

EDITORIAL ITIQUIRA

# DE CRENÇAS E VIVÊNCIAS

Para Edson Nery da Fonseca

“*De Creencias y Vivencias*” é o título original deste poema-livro, originalmente publicado em Caracas, Venezuela, pela Tip. Remar, em 1969, capa do artista costarricense Carlos Poveda. O texto da referida edição, acrescentado aos poemas escritos durante uma viagem à Colômbia, em 1966 (alguns escritos em Português - de 1959 a 1965- e traduzidos ao castelhano pelo Autor), foram reunidos num roteiro de programa radio fônico – ESPECIALÍSSIMO, de Napoléon Bravo, Radio Capital. Para tal, o músico venezuelano Arturo Schubert compôs algumas músicas com versos selecionados e o programa foi dirigido por Ibrahim Guerra, com as vozes de radialistas e atores de televisão, músicas interpretadas por Arturo e pela cantora Cristina Araujo, sendo irradiado em 1971.

A edição brasileira, em papel craft, pela Editorial Tiquira, de Brasília, é de 1979 e teve capa e ilustrações de Inácio da Glória.

*Canção:*

(1)

*Busco um voz  
uma resposta  
das esquinas  
imprevistas.*

*Creio na vida  
apenas creio na vida.*

*Conheço a umidade do cárcere  
a angústia da fome  
e a indiferença da gente.*

*Conheço a palavra que amordaça  
o silêncio que limita  
a mirada que desarma  
mas eu creio na vida  
só creio na vida.*

*Sou um homem sem memória  
dos golpes recebidos  
e que ama porque ama  
sou um homem sem memória.*

*Canção:*

(2)

*Que diferença existe entre a verdade e a mentira  
entre o sonho e a realidade  
realidade e sonho?*

*Que diferença existe entre dizer e fazer  
entre pedir e dar  
entre viver e morrer?*

*Que diferença existe entre o verso sério  
e seu reverso  
entre a vida e a morte  
entre eu e você  
entre você e eu?*

Eu não conheço fronteiras  
e meu ninho está na mais alta montanha  
aqui está  
Neruda  
teu engano: não existem exílios possíveis para mim.  
Imensas são as estradas de meu sonho  
e vou passo  
a passo  
sem pressa  
detendo-me aqui e ali  
aonde amigos me brindam seu corpo e seu tempo  
e onde olvido a memória de mim.

Sou um homem sem um corpo preciso  
sem um limite adequado  
me amoldo à intempérie  
e me agrego à máquina do mundo  
sem esquecer minha própria dimensão  
e precisão.

Assim é a vida para mim:  
um espelhismo  
em constante  
e permanente  
mutação.

Não sei a que porto me dirijo  
mas atino os caminhos  
e não tenho pressa.

Fui deixando partes de mim aonde fui  
não adorei mais que o viver incessante  
os objetos foram sendo abandonados na memória  
e meu únicos pertences são o vento  
e a chuva  
o – acaso – teto do momento  
e o corpo do desejo  
e tenho sido feliz.

### *Canção* (3)

*Assim é a vida para mim:  
um grande rio intransponível  
um espelhismo  
em constante  
e permanente  
câmbio.*

*Assim é a vida para mim  
assim é a vida para mim  
assim é a vida.*

*Minha vida não tem sido mais  
que duvidar e duvidar  
e num lance de dados  
decidir  
um duvidar e um decidir  
duvidar duvidar  
e jogar e decidir.*

A beleza não saberia definí-la:  
o constante renovar-se da vida  
a materialização do invisível  
a consubstanciação do ser  
o fluxo e refluxo das marés?

Para mim a beleza não é  
está nas coisas que eu vejo.

A beleza não é as coisas  
não sou eu  
a beleza é meu vínculo com as coisas imperecíveis  
do mundo  
em seu fluir inexorável

a beleza é para mim  
a única razão de ser.

Minha vida não tem sido mais que um duvidar e duvidar  
e casualmente um decidir.

Sou o princípio e o fim de todas as coisas  
e assumo  
- eufórico -  
as conseqüências de minha afirmativa.

Tenho sido um amoral na vida  
e burlado todas as convenções  
e todos os preconceitos.

Por instinto, declarei guerra às normas  
e aos padrões  
e ninguém mais do que eu  
tem vivido de normas  
e julgado as fórmulas  
e medido as ações.

Sou,  
afinal,  
um puritano sem igreja e sem princípios  
um puritano de fins  
um moralista sem moral.

Fui um estrangeiro em todos os lugares  
e mais estrangeiro em minha própria terra.  
Não me perguntem por minhas crenças e vivências.  
Não amo mais que ao sol que nasce todas as manhãs  
e que cozinha sem aflição meu pobre corpo sem defesa  
possível.

Sou um pedaço desta terra  
um fragmento de um universo em múltiplas variações.

Não sou poeta,  
nem sou homem, minha querida Cecília Meirelles  
um pouco de estrume  
um tanto de massa divina em um corpo que ainda

não alcançou sua plenitude.

Do que estudei  
e me propus  
nem mesmo tenho consciência  
o de hoje necessariamente não corresponde ao de ontem  
como não corresponde este verso ao de antes  
e ao de amanhã  
não vido duas vezes uma mesma idéia  
e não sou escravo das idéias  
não tenho nenhum compromisso senão com o vento  
e a chuva que não deixam rastros  
como a estrela que não sabe de sua rota.

Para mim a literatura não vale um centavo  
e não existe nada mais importante do que a literatura.

Os enigmas  
nem sempre me obsesionam  
e não tenho mais que verdades de momento  
como o vento e a chuva.

*Canção:*  
(4)

*Por fendas e por cortes  
espessa névoa andina  
vou por caminhos  
páramos e altiplanos  
subindo e descendo  
sem pressa buscando  
caminho devagar  
não tenho aonde ir.*

*Sustado o ritmo  
prostrado me inclino  
e vou contemplando  
- voragem e vértice -  
a paisagem:  
vale e montanha  
entranha  
a pele em que me mostro*

*não conheço fronteiras  
caminho devagar  
e meu ninho está*

*na mais alta montanha*

Que diferença existe entre a verdade e a mentira  
Entre o sonho e a realidade?

Que diferença existe entre dizer e fazer  
entre pedir milhões de dólares por empréstimo  
e exportar milhões de dólares de lucros?

Que diferença existe entre o verso e seu reverso  
que diferença existe entre a frase pensada  
e a palavra mentida  
entre a amizade esperada e a negação recebida?

Que diferença existe entre a terra prometida  
e a miséria compartilhada?

Que importa o verso  
e quem exporta o sonho?

Que diferença existe entre o indivíduo  
e seu semelhante?

Que é mais humilhante:  
fazer rimas  
aprender esgrima  
comprar uma aspirina  
aspirante a bardo solitário?

Que diferença existe entre o que vende seu canto  
o que acalanta miséria  
e o que afoga seu pranto?

Que diferença existe entre subjetivo  
e objetivo  
você e eu  
nós e eles?

Que é mais cafona:  
escrever versos sem medida  
e dizer: a vida é uma ferida mal curada  
ou comprar aquela coisa anunciada  
mas nunca desejada?

Que diferença existe entre o tempo que se foi  
o tempo que não é

e o que bem poderia ser?

Que diferença existe entre o rico que viaja  
e o pobre que tem firmes raízes  
e sepulcro seguro  
e que quando viaja  
- se é que viaja -  
busca outro sepulcro noturno.

Que diferença existe entre o exagero destes versos  
o pessimismo destes versos  
e o otimismo das estatísticas  
e o cinismo dos estadistas?

Que diferença existe entre o branco e negro  
entre o índio e o mulato  
entre a cidade e o campo  
o capital e o trabalho?

Que diferença existe entre ser o que a gente realmente é  
e ser aquilo que esperam da gente?

Que diferença existe entre esperar a salvação  
como a ajuda alheia  
ou divina  
e buscá-la em nós mesmos?

Que diferença existe entre estar preso aqui do lado de fora  
e estar livre lá dentro?

Que diferença existe?  
Que diferença?  
Que?

Um prato de feijão  
e uma missa de Bach  
têm o mesmo valor:  
aprecio um prato de feijão  
e as missas de Bach.

Uma feijoada exige de mim  
uma mística tão profunda  
um solenidade tão verdadeir  
como quando ouço Bach  
numa capela barroca  
num rincão do universo.



*o azul da água fria.*

*O homem se prolonga  
no limbo  
na folha  
na expectativa da gota na bica  
e disto ele tem consciência.*

*O homem é  
a faca  
a fome  
o quadro da família na parede  
um salto no escuro  
as vísceras  
são o homem.*

## II

*Canção:*

*(6)*

*Eu afirmo  
o homem é eterno  
o amor é eterno  
o amor é o homem  
o amor é eterno.*

*O amor se manifesta em  
o amor se dá por  
o amor é  
o amor é eterno.*

*Eu afirmo:  
o amor é livre  
do espaço e do tempo  
e somente se manifesta  
no espaço e no tempo.*

*O amor é livre  
do bem e do mal  
não vale, senão que é  
o amor é eterno.*

*Eu afirmo:  
o amor é contínuo  
em toda forma  
se manifesta*

*não estanca  
nunca termina  
o amor é eterno.*

*Amor é pura vivência  
esse amar sem pensamentos  
jamais surge ou desaparece  
o amor é eterno.*

*Eu afirmo:  
o homem é eterno  
o amor é eterno  
o amor é o homem  
o amor é eterno.*

O homem e o rio:  
é quando ele cresce  
- palafitas -  
germina o tempo  
- sementes -  
os tubérculos afloram  
completa sua natureza  
em pelos ralos  
- afloram! -  
hirsutos  
entumescem  
apenas o rio  
e as seivas todas  
álacres  
viscosas  
afirmando-se  
no homem e  
ele se descobre.

Os ruídos da noite  
- sua medida -  
o passo do relógio perdido na noite medindo  
sua morte  
é  
- pêndulo  
o cáos, o sexo,  
equilíbrio crítico -  
o afirmar-se  
e naquilo que deposita  
germina e já são flores  
e naquilo que continua

é a gênese do mundo  
que a morte não existe  
senão sua aparência  
de dicionário  
a morte é inútil  
se continua  
porque é mais densa  
a floresta que o homem habita  
mais densa se o homem a penetra  
- a floresta do homem! -  
o homem penetra  
todas as florestas penetra  
com seu bisturi.

É quando o rio ameaça  
arteriando igapós pela selva  
é quando ele  
parindo-se  
transporta dúvidas  
o homem irrompe  
e flutua  
- refratário -  
e a metade submersa  
e fala como o ovo  
como a semente  
(ainda latente)  
como o rio.

Como delimitar onde começa o rio  
onde começa o homem  
onde começa o ovo?

Homem, ovo e rio:  
a mesma argamassa em ciclos.

A natureza revezando-se  
- metamorfose -  
o eterno repousa  
no ovo.

A natureza uniforme  
polimorfa  
modela no homem  
o homem!  
Gera  
- e dá no mesmo:  
degenera -

sentido órfico do mundo.

*Canção:*

(5)

*O homem é  
as flores  
os frutos e as folhas  
é também  
o azul da água fria.*

*O homem se prolonga  
no limbo  
na folha  
na expectativa da gota na bica  
e disto ele tem consciência.*

*O homem é  
a faca  
a fome  
o quadro na parede  
um salto no escuro  
as vísceras  
são o homem.*

Busco uma voz  
uma resposta  
das esquinas imprevistas.

*(Canção 1: repetir)*

Entre o amor de hoje  
e o amor de ontem  
não existem fronteiras  
e distâncias.

Por minhas veias  
se desborda  
um rio  
de tormentosas emoções  
e se as classifico  
- ruminando -  
não posso precisar

enquanto sou o fim e o começo  
das emoções.

*Canção:*  
(7)

*Poros da noite  
espinhos e entranhas  
eu corpo revelado*

*descubro teu corpo  
o amor circulando  
na noite prolongada  
com sua face  
de transnoite.*

*Promessa de festa  
no amor que chega  
invade o quarto  
roubando-me a noite  
orgânica percepção  
e na forma sugerida  
desejada  
enfim, uma equação.*

*Poros da noite  
espinhos e entranhas  
teu corpo revelado  
por uma fração do corpo  
formas sugeridas  
desejadas  
e o amor  
em seu anúncio  
fácil.*

Tua boca em desesperação  
tua vontade agônica  
na desenfreada intenção  
de abarcar  
no momento  
o devenir  
e de gastar  
nele  
num jorro  
todo teu manancial

de febre  
e de desejo  
toda tua insatisfação  
e toda frustração  
todo teu ser num deixar de ser  
sem remorsos e sem contenção.

Esta é a verdadeira face de teu medo de viver.

Eu me dou inteiro e não me resgato  
vou-me espargindo como o pólen fecundo  
na vagina famélica e cambiante do amor  
em seu fluir perene:  
é tudo quanto quero do mundo!

É o amor que chega  
com sua promessa de festa  
invadindo-me o quarto  
e roubando-me a noite.

O amor assoma e assombra  
o amor que chega  
subrepticamente  
de difícil curso  
com sua voz de metal.

O amor que clama e alarma.

Quando chega o amor  
a noite se prolonga  
e me surpreende com sua voz de vigília.

Poros da noite  
esporas espinhos e entranhas  
os túneis da noite  
insondáveis  
e o amor em seu anúncio fácil.

Teu corpo revelado  
por uma fração do corpo  
pelo instinto de quem  
reconhece  
na forma sugerida  
a forma desejada.

A descoberta do corpo

o amor circulando  
em vibrações táteis  
orgânica percepção.

Uma equação de amor em nós:  
transpondo termos semelhantes  
reduzindo-os  
em busca da raiz comum.

Dir-se-ia  
que das posições  
- em rara e frenética acrobacia -  
a correspondência das formas  
pela adjacência de seus ângulos.

Em progressão o ritmo  
de possessão e domínio  
na metamorfose geral  
à síncope do amor em nós.

Faço o périplo de teu corpo  
Descobrimo ângulos novos  
- novas formas de poesia.  
Cada parte de teu corpo  
Concebida vai se desenvolvendo  
partindo do todo às partes.

É um recuperar teu corpo  
como um silogismo  
todos os dias  
sem desânimo.

*Canção:*  
(8)

*Não existe liberdade  
existem liberdades  
meu corpo é minha prisão  
o mundo prostração*

*Não há liberdade  
há liberdades  
na posse me alieno  
e em teu corpo me condeno*

*Uma equação de amor em nós  
transpondo termos semelhantes  
reduzindo-os  
fundindo-os  
em busca da raiz comum*

Os objetos foram sendo abandonados  
na memória  
são transfigurações alucinantes de meu ser  
em cada um está a prova de minha desolação.

São minhas todas as coisas do mundo  
e não necessito de títulos de propriedade.

São minhas as pontes, as montanhas  
e são meus todos os rincões do mundo.

Habito todas as folhas dos parques  
dormito nos móveis e me agrego  
às paredes como o limo em sua indiferença.

Corromper  
e corroer  
e recriar  
após as desarticulações  
de meu compromisso umbilical.

1. chovisca cochicha lerdo asfalto  
descança meus pés avenida caminho  
apreensões copacabana  
por meus dedos escorrega um mundo  
atemporal a nossos olhos  
“ com luciérnagas em vela  
el campo duerme en el trigo”  
aquele dia foi assim,  
ricardo:  
muriçocas bêbedas e  
o contar das estrelas?  
por isso, roland, lá estão  
as luzes estampadas na pista,  
o elevador que nos trouxe ao 8 andar (???)  
e o estômago aproximando-nos: este  
bloco-gavetas e a paisagem vertical:  
“fraccionandose la noche corriendo

atrás del vacío”, espinha dorsal  
aberta a dinamite e muda e fria,  
musgosa artéria, matéria, o batente:  
e o corredor

quem sou o jovem puritano dando-  
se em palavras e gestos equívocos,  
esquivos, esguios, fugidios:  
quem sou o corpo recolhe-se narciso  
e a boca abre e dá-se nega!

2. oh, avenida sombria se abre: os  
preços continuarão subindo;  
gosto do som que o mar traz  
com o sal no vento e me acaricia,  
jovem, este odor agreste  
recordo  
nem penso além do momento esteaquele  
caminho as calças lilás tingidas  
afirmo e esqueço vivendo-os:  
é quando mais vivo  
falei talvez cuamos sonto, incompto  
enquanto sentido  
sinto sono,  
ele dorme meu corpo estendido  
longoinerte  
entre a cabeça e os pés ruminando  
inconsciente  
durmo meu corpo para levantá-lo  
o amanhecer: eRos,  
mas leve para o mundo,  
o hojeseempre, as esquinas viciadas e  
o banho no arpoador, óleo bronzíneo  
areiágua talvez falvez suanto comos,  
gosto do mar com o sal que traz o vento;  
estendendo-me sobre dunas  
e espumas que lambem os pés  
eis então porque gosto do vento  
que traz o mar com o sal; e as gordas  
mulheres que derramam o mar por estas  
bandas  
e pescadores (abundam peixes)  
esvaziam enquanto singram iates,  
sangram peixes,  
nalgueiam crianças.

3. ainda o rapaz dançou o twist  
guardava nos movimentos a garrafa de  
e cores! gritando cores. copacabana  
“sacudo o coquetel, eRos, descubro  
em mim o artista eRos somente,  
solenemente, distante igual  
tremeagita distante, excelsis oh  
juncos trepidantes, palmeiras  
agitadas se é twist o trepida agora  
é o ônibus que chaqualha o ritmo  
estando (rodas, zig-zagueando nos  
teares medievais) lá aqui no compasso,  
assento, eRos, o efebo e frasco  
e (tremelique) o aperitivo  
que o lábio oferendas;  
o rapaz é quem diz: eRos,  
“a bebida está borbulante” e  
eRos bebi, como se fosse champanhe  
eu disse ricardo o twist  
espuma líquido nosso, visga-o,  
condensa-o noitediando o quadrado  
ocioso que é o  
quarto circunstancial,  
o qual, quando

e

e s t

a c

n o c t a m

b u l a

h e c a t o m

a c o m

b e

e